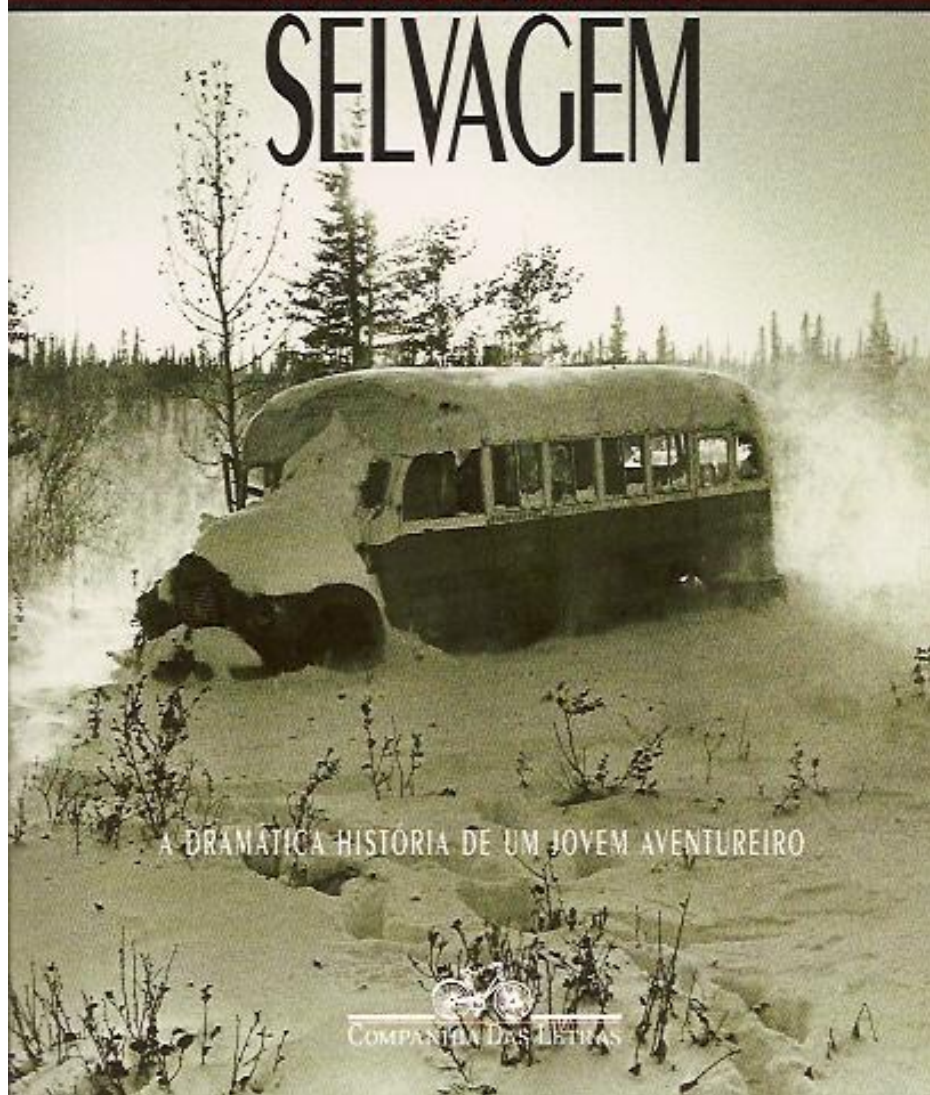


DO AUTOR DE NO AR RAREFEITO

JON KRAKAUER

# NA NATUREZA SELVAGEM



A DRAMÁTICA HISTÓRIA DE UM JOVEM AVENTUREIRO

COMPANHIA DAS LETRAS

# *NA NATUREZA SELVAGEM*

**Tradução:**

PEDRO MAIA SOARES

**Revisão e formatação do e-book:**

Projeto Democratização da Leitura



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1996 by Jon Krakauer  
*Publicado em acordo com Lennart Sane Agency AB*

Título original:  
*Into the wild*

Capa:  
*Hélio de Almeida*

Foto da capa:  
*People Weekly*  
© 1992 by Phil Shofield

Preparação:  
*Isabel Jorge Cury*

Revisão:  
*Carmen S. da Costa Cláudia Cantarin*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)  
Krakauer, JaTI  
Na natureza selvagem / JaTI Krakauer; tradução Pedro Maia Soares. - São Paulo: Companhia das Letras,  
1998.

Título original: Into the Wild. ISBN 978-85-7164-787-9

1. Aventuras e aventureiros - Estados Unidos Biografia
2. McCandless. Christopher Johnson, 1968-1992
3. Viagens de carona - Alasca
4. Viagens de carona - Oeste (U.S.)
5. Vida errante - Alasca
6. Vida errante - Oeste (US.) I. Título.  
98-2199 CDD-917.98

Índice para catálogo sistemático:

1. Aventureiros desaparecidos Biografia 917.98  
2009

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32 04532-002 - São Paulo - SP Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11)  
3707-3501 [www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

## **NOTA DO AUTOR**

*Em abril de 1992, um jovem de uma família abastada da costa leste dos Estados Unidos foi de carona até o Alasca e adentrou sozinho a região selvagem e desabitada ao norte do monte McKinley. Quatro meses depois, seu corpo decomposto foi encontrado por um grupo de caçadores de alce.*

*Pouco após a descoberta do cadáver, o editor da revista Outside pediu-me uma reportagem sobre as circunstâncias enigmáticas da morte do rapaz. Revelou-se que seu nome era Christopher Johnson McCandless. Fiquei sabendo que crescera em um subúrbio rico de Washington, D.C., onde fora excelente aluno e atleta de elite.*

*No verão de 1990, logo após formar-se, com distinção, na Universidade Emory, McCandless sumiu de vista. Mudou de nome, doou os 24 mil dólares que tinha de poupança a uma instituição de caridade, abandonou seu carro e a maioria de seus pertences, queimou todo o dinheiro que tinha na carteira. Inventou então uma vida nova para si, instalando-se na margem maltrapilha de nossa sociedade, perambulando pela América do Norte em busca de experiências cruas, transcendentais. Sua família não tinha idéia de onde estava ou que fim tivera até que seus restos apareceram no Alasca.*

*Trabalhando com prazo curto, escrevi um artigo de 9 mil palavras, publicado no número de janeiro de 1993 da revista, mas meu fascínio por McCandless não desapareceu com a substituição daquela edição de Outside nas bancas por temas jornalísticos mais atuais. Perseguiam-me a lembrança dos detalhes da morte por inanição do rapaz e certas semelhanças vagas entre acontecimentos de minha vida e da de Christopher.*

*Disposto a não me afastar de McCandless, passei mais de um ano refazendo a trilha espiralada que conduziu a sua morte na taiga do Alasca, caçando os detalhes de sua peregrinação com um interesse que beirava a obsessão. Ao tentar compreender McCandless, cheguei inevitavelmente a refletir sobre outros temas mais amplos: a atração que as regiões selvagens exercem sobre a imaginação americana, o fascínio que homens jovens com um certo tipo de mentalidade sentem por atividades de alto risco, os laços altamente tensos que existem entre pais e filhos. O resultado dessa investigação cheia de meandros é este livro.*

*Não tenho pretensão de ser um biógrafo imparcial. A estranha história de McCandless tocou-me pessoalmente de tal forma que tomou impossível um relato desapassionado da tragédia. Na maior parte do livro tentei - creio que, em larga medida, com sucesso - minimizar minha presença de autor. Mas que o leitor esteja atento: intercalei a história de McCandless com fragmentos de uma narrativa baseada em minha própria juventude. Faço isso na esperança de que minhas experiências iluminem, mesmo de forma indireta, o enigma de Chris McCandless.*

*Ele era um jovem veemente demais e possuía traços de idealismo obstinado que não combinavam facilmente com a existência moderna. Cativado havia muito tempo pela leitura de Tolstói, admirava em particular como o grande romancista tinha abandonado uma vida de riqueza e privilégios para vagar entre os miseráveis. Na faculdade, McCandless começou a imitar o ascetismo e o rigor moral de Tolstói a tal ponto que primeiro espantou, depois alarmou, as pessoas que lhe eram próximas. Quando o rapaz se internou no mato do Alasca, não cultivava ilusões de que estivesse entrando numa terra de leite e mel; perigo, adversidade e despojamento tolstoiano era exatamente o que estava buscando. E foi o que encontrou, em abundância.*

*Contudo, durante a maior parte das seis semanas de provação, McCandless saiu-se mais do que bem. Com efeito, se não fosse por um ou dois erros aparentemente insignificantes, ele teria saído da floresta em agosto de 1992 de maneira tão anônima quanto nela entrara em abril. Em vez disso, seus erros inocentes acabaram sendo básicos e irreversíveis, seu nome foi parar nas manchetes dos jornais sensacionalistas e para sua perplexa família, restaram os cacos de um amor ardente e doloroso. Uma quantidade surpreendente de pessoas sentiu-se afetada pela história da vida e morte de Chris McCandless. Nas semanas e meses posteriores à publicação do artigo na Outside, ela gerou mais cartas do que qualquer outra matéria já editada pela revista. Essa correspondência, como era de esperar, refletia pontos de vista muito divergentes. Alguns leitores admiravam imensamente o rapaz por sua coragem e seus nobres ideais; outros fulminavam que ele era um rematado idiota, um pirado, um narcisista que morreu de arrogância e estupidez - e que não merecia a atenção que a imprensa lhe dera. Minhas convicções ficarão claras logo em*

*seguida, mas deixarei que o leitor forme sua opinião sobre Chris McCandless.*

*Jon Krakauer* Seattle Abril de 1995



NA NATUREZA SELVAGEM

## 01 O INTERIOR DO ALASCA

27 de abril de 1992

*Saudações de Fairbanks! Esta é a última vez que você terá notícias minhas, Wayne. Cheguei aqui há dois dias. Foi muito difícil pegar carona no território de Yukon. Mas finalmente cheguei. Por favor, devolva toda a minha correspondência para os remetentes. Posso demorar muito até voltar para o Sul. Se esta aventura se revelar fatal e você nunca mais tiver notícias de mim, quero que saiba que você é um grande homem. Caminho agora para dentro da natureza selvagem. Alex.*

### CARTÃO-POSTAL RECEBIDO POR WAYNE WESTERBERG EM CARTAGO, DAKOTA DO SUL

Jim Gallien estava a dois quilômetros e meio de Fairbanks quando viu o caroneiro de pé na neve, ao lado da estrada, polegar bem alto, tremendo de frio no amanhecer do Alasca. Não parecia ser muito velho: dezoito, talvez dezenove anos, no máximo. A ponta de um rifle projetava-se de sua mochila, mas tinha aparência bastante amistosa: um caroneiro com uma Remington semi-automática não é o tipo de coisa que provoque hesitação nos motoristas daquele estado. Gallien parou sua picape no acostamento e mandou o rapaz subir.

O caroneiro jogou sua mochila no chão do Ford e apresentou-se como Alex. "Alex?", retrucou Gallien, esperando o sobrenome.

"Só Alex", replicou o rapaz, rejeitando claramente a isca. Magro mas rijo, com cerca de um metro e setenta de altura, disse ter 24 anos e ser de Dakota do Sul. Explicou que queria uma carona até o limite do Parque Nacional Denali, onde pretendia caminhar mato adentro e "viver da terra por alguns meses".

Gallien, eletricista sindicalizado, estava a caminho de Anchorage, 380 quilômetros adiante do Denali pela rodovia George Parks, e disse a Alex que o deixaria onde quisesse. A mochila dele não parecia pesar mais do que doze ou treze quilos, o que surpreendeu Gallien - caçador experiente, acostumado às florestas -, pois era um volume muito pequeno para quem pretendia ficar vários meses no mato, especialmente tão no início da primavera.

"Ele não estava levando nada da comida e do equipamento que se espera que alguém carregue naquele tipo de viagem", relembra Gallien.

O sol surgiu. Enquanto desciam das cristas reflorestadas acima do rio Tanana, Alex olhava para o terreno pantanoso, coberto de juncos e musgos e varrido pelo vento que se estendia para o sul. Gallien se perguntava se não teria dado carona para um daqueles birutas dos outros 48 estados do Sul que vinham para o Norte realizar as arriscadas fantasias de Jack London. Há muito tempo que o Alasca atrai sonhadores e desajustados, gente que acha que a vastidão imaculada da Última Fronteira irá preencher todos os vazios de sua vida. Porém, o mato é um lugar que não perdoa, que não dá a mínima para a esperança ou o desejo.

"As pessoas de fora", relata Gallien com sua fala arrastada e sonora, "pegam um exemplar da revista Alaska, folheiam e ficam pensando: 'Ei, vou para lá, viver da terra, levar uma boa vida'. Mas quando chegam aqui e entram de verdade no mato, bem, aí não é como a revista tinha contado. Os rios são grandes e rápidos. Os mosquitos comem você vivo. Na maioria dos lugares, não há muitos animais para caçar. Viver no mato não é um piquenique."

De Fairbanks até a beira do Parque Denali era uma viagem de duas horas. Quanto mais conversavam, menos Alex parecia maluco. Era agradável e bem-educado. Bombardeou o motorista com perguntas sensatas sobre quais pequenos animais de caça vivem na região, que tipo de frutas silvestres poderia comer - "esse tipo de coisa".

Ainda assim, Gallien estava preocupado. Alex admitiu que o único alimento em sua mochila era um saco de quatro quilos e meio de arroz. Seu equipamento parecia excessivamente insuficiente para as condições duras do interior, que, em abril, ainda está soterrado pela neve do inverno. As botas baratas de Alex não eram impermeáveis nem bem isoladas. Seu rifle era apenas de calibre 22, muito pequeno para quem pensasse em matar animais grandes como alces e caribus, os quais teria de comer se quisesse permanecer muito tempo na região. Não tinha



machadinha, protetor contra insetos, raquetes de neve, bússola. O único auxílio de orientação que trazia era um mapa rodoviário estadual todo rasgado que surrupiara de um posto de gasolina.

A 150 quilômetros de Fairbanks, a rodovia começa a subir os contrafortes da cadeia do Alasca. Enquanto o carro atravessava uma ponte sobre o rio Nenana, Alex olhou para a correnteza forte e disse que tinha medo da água: "Há um ano, no México, eu estava numa canoa no mar e quase me afoguei durante uma tempestade".

Um pouco mais tarde, ele pegou seu mapa e apontou para uma linha vermelha que cruzava a estrada perto de Healy, uma cidade de mineração de carvão. Ela representava uma rota chamada Stampede Trail [trilha do Estouro da Boiada]. Raramente percorrida, nem aparece na maioria dos mapas rodoviários do Alasca. Mas no mapa de Alex, a linha pontilhada serpenteava para oeste da rodovia Parks por cerca de sessenta quilômetros até sumir no meio da região selvagem e sem trilhas situada ao norte do monte McKinley. Era para lá que pretendia ir, anunciou Alex.

Gallien achou que o plano do caroneiro era temerário e tentou com insistência dissuadi-lo: "Falei que não era fácil caçar no lugar aonde ele estava indo, que poderia passar dias sem matar animal algum. Quando isso não funcionou, tentei assustá-lo com histórias de ursos. Disse-lhe que uma 22 não faria provavelmente nada a um urso pardo, exceto deixá-lo furioso. Alex não parecia muito preocupado. 'Subo numa árvore', foi tudo o que disse. Então expliquei que as árvores não crescem muito naquela parte do estado, que um urso podia derrubar um abeto fino e pequeno num segundo. Mas ele não recuava um milímetro. Tinha resposta para tudo que joguei em cima dele".

Gallien ofereceu-se para levá-lo até Anchorage, comprar-lhe um equipamento decente e depois trazê-lo de volta até onde quisesse.

"Não, mas de qualquer forma, obrigado", respondeu Alex. "Eu me viro com o que tenho."

Gallien perguntou se ele tinha licença de caça.

"Claro que não", desdenhou Alex. "O jeito como eu me alimento não é da conta do governo. Fodam-se as regras estúpidas deles."

Quando Gallien perguntou se seus pais ou algum amigo sabiam o que pretendia fazer - se havia alguém que acionaria o alarme se ele encontrasse problemas e se atrasasse, Alex respondeu tranquilamente que não, que ninguém sabia de seus planos, que na verdade não falava com sua família havia quase dois anos. "Tenho certeza absoluta de que não vou encontrar nada que não possa enfrentar sozinho", assegurou a Gallien.

"Simplesmente não tinha como convencer o cara a desistir", lembra Gallien. "Ele estava decidido. Muito entusiasmado mesmo. A palavra que vem à mente é excitado. Mal podia esperar para entrar no mato e começar."

A três horas de distância de Fairbanks, Gallien saiu da rodovia e entrou com seu surrado 4 por 4 numa estrada secundária coberta de neve. Nos primeiros quilômetros, a Stampede Trail estava bem nivelada e passava por cabanas espalhadas por bosques de abetos e choupos. Depois dos últimos chalés de madeira, no entanto, a estrada deteriorava-se rapidamente. Descaracterizada e cheia de amieiros, transformava-se numa trilha grosseira, sem manutenção.

No verão, ela seria ruim, mas passável; agora, estava tomada por meio metro de neve mole de primavera. A quinze quilômetros da rodovia, percebendo que ficaria preso se fosse adiante, Gallien parou seu veículo no topo de uma colina baixa. Os cumes gelados da cadeia de montanhas mais alta da América do Norte brilhavam no horizonte sudoeste.

Alex insistiu em dar a Gallien seu relógio, seu pente e o que disse ser todo o seu dinheiro: 85 centavos em moedas. "Não quero seu dinheiro e já tenho relógio", protestou Gallien.

"Se você não ficar com ele, vou jogá-lo fora", replicou alegremente o rapaz. "Não quero saber que horas são. Não quero saber que dia é nem onde estou. Nada disso importa."

Antes que Alex descesse da picape, Gallien pegou atrás do banco um velho par de botas de borracha e persuadiu o rapaz a levá-las. "Eram grandes demais para ele", lembra Gallien. "Mas eu disse: use dois pares de meias e seus pés vão ficar meio quentes e secos."

"Quanto lhe devo?"

"Não se preocupe com isso", respondeu Gallien. Deu então ao rapaz um pedaço de papel com seu telefone, que Alex enfiou cuidadosamente em sua carteira de náilon.

"Se você sair dessa vivo, me telefone e eu direi como me devolver as botas."

A esposa de Gallien dera-lhe dois sanduíches de queijo e atum e um saco de com chips para o almoço; ele convenceu o jovem caroneiro a aceitar também a comida. Alex tirou uma câmera da mochila e pediu que Gallien tirasse uma fotografia dele com seu rifle no começo da trilha. Depois, com um amplo sorriso, desapareceu pelo caminho coberto de neve. A data era 28 de abril de 1992.

Gallien manobrou a picape, retomou à rodovia Parks e continuou na direção de Anchorage. Poucos quilômetros adiante, chegou à pequena comunidade de Healy, onde a Força Pública do Alasca mantém um posto. Gallien pensou por um momento em parar e contar às autoridades sobre Alex, mas mudou de ideia "Imaginei que ele estaria bem", explica. "Pensei que provavelmente ficaria com fome muito cedo e voltaria para a estrada. É o que qualquer pessoa normal faria."

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

